

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

VI ENCONTRO DE CINEMATECAS IBÉRICAS

6 de Junho de 2022

### RÉVOLUTION ÉCOLE 1918-1939 / 2016

*um filme de JOANNA GRUDZINSKA*

*Realização:* Joanna Grudzinska *Argumento:* Joanna Grudzinska, Léa Todorov, Laurent Roth, François Prodromidès *Montagem:* Raphaella Martin-Holger, Catherine Zins *Música original:* Sébastien Gaxie *Som:* Josefina Rodriguez *Investigação histórica:* Léa Todorov *Documentalista arquivos:* Véronique Nowak *Com as vozes de:* Aurélia Petit, Mathieu Amalric, Eric Caravaca, Jean-Charles Dumay, Gaspard Delanoë, Grigourl Manoukov, Steéphane Bisset, David Eiseschitz, Ruth Zylberman, Swann Robert-Toulet, Raphaëlle Martin-Hölger.

*Produção:* Les Films du Poisson *em co-produção com* Arte France (França, 2016) *Produtor:* Estelle Fialon *Cópia:* ficheiro, preto-e-branco e cor, legendada electronicamente em português, 85 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca:* 20 de Abril de 2017 (“Dez Anos de Cinemateca Júnior | Cinema e Educação” / com a presença de Joanna Grudzinska).

---

A premissa é clara: Joanna Grudzinska constrói *RÉVOLUTION ÉCOLE 1918-1939* com imagens de arquivo e a partir de textos que retratam a história do impulso de renovação pedagógica que a Europa conheceu entre as duas Guerras Mundiais. Filme de montagem, trabalho em arquivos de cinema e fotográficos, resulta de uma investigação que além do material visual trabalha as fontes escritas de que se faz esta história europeia do pensamento sobre o ensino e a possibilidade da sua prática em tempos de paz, em Itália, França, Bélgica, Reino Unido, Polónia, Áustria ou Rússia. Os ideólogos, personalidades como Maria Montessori, Célestin Freinet, Ovide Decroly, Alexander S. Neill ou Rudolf Steiner, foram os pedagogos que o suíço Adolphe Ferrière reuniu para formar o movimento da Liga Internacional pela Educação Nova, de olhos postos nas crianças, e espíritos abertos à reinvenção do papel e do lugar da escola (a Liga saiu de um Congresso fundador, em Calais, em 1921, com a participação de Ferrière, Montessori, Neill ou Jean Piaget, John Dewey, Elisabeth Rotten...).

A ideia – a utopia, que congregou professores, investigadores, médicos, filósofos, arquitectos, artistas – nasceu no imediato pós Primeira Guerra e durou o tempo que, na Europa, conduziu à eclosão da Segunda, quando ao pacifismo de novo se impôs a violência da Guerra, que, inominável, viria em finais dos anos trinta. Cerca de duas décadas depois de ter sido fundada, a Liga desfaz-se à força de cisões, polémicas e debates de tom crescente, em unísono com a escalada dos totalitarismos. *RÉVOLUTION ÉCOLE 1918-1939* é um relato dessa história, visualmente ancorado na sua época, narrativamente mergulhado nos textos que desse pouco divulgado ponto de vista a fizeram.

A sinopse do filme toca na ferida do período histórico que albergou os esforços de invenção de novos métodos pedagógicos quando refere como, “numa Europa traumatizada pela primeira Guerra Mundial, os pedagogos designam o culpado: a escola, que fabricou ‘bravos soldados’”, ocupando-se em notar a necessidade “de construir a paz e de elaborar uma educação nova para uma geração de crianças que, espera-se, jamais fará a guerra. Tornar a criança feliz é fazer dela um adulto melhor, estimam aqueles que se lançam nesta aventura”. Se a originalidade de *RÉVOLUTION ÉCOLE* muito reside

na propriamente dita premissa simples de que parte, no sentido em que esta é uma história pouco conhecida ou pouco tratada, para lá, porventura, dos fóruns específicos, a energia do filme descola da vitalidade do material de origem. O pensamento sobre o qual o filme reflecte, nas suas várias dimensões e na exposição da diferença de métodos então propostos, alia-se ao tratamento da “iconologia de época” de uma maneira que não apenas reflecte a profundidade do mergulho nos arquivos, como revela a sensibilidade, mas também a solidez, do olhar. Assim, sendo um retrato-relato temática e historicamente delimitado no seu “campo de estudo”, RÉVOLUTION ÉCOLE vai além dele, desde logo porque, reflectindo-o, reflecte a história mais ampla da Europa do século XX entre as duas guerras, o falhanço abismal que abriu espaço à emergência das ditaduras, ao fascismo e ao nazismo, que vêm sobrepor-se “ao combate pelo progresso” cuja batida é indissociável de uma crença pacifista. E não deixa de convocar a actualidade do debate no mundo do século XXI. (a frase é de 2017, quando este texto foi escrito, e não é um bom sinal que peque por eufemismo em 2022.)

Há ainda a notar como RÉVOLUTION ÉCOLE se assume como um projecto cinematográfico que – e o ponto releva mais do que uma mera curiosidade – dá a ver o papel que o cinema e a fotografia desempenharam eles próprios como elementos de trabalho e estudo. O trabalho sobre as imagens de época como fontes históricas – não se trata aqui de um recurso ilustrativo – cruza-se com uma reflexão sobre (designadamente) o uso do cinema e da fotografia no projecto de reinvenção de um sistema de ensino no curso de um debate que envolve questões humanas fundamentais, ou fundamentalmente humanas. E não é pelos bancos da escola, de nenhuma escola, que o filme começa no seu promissor arranque. É na rua, com miúdos que correm à frente de um carro eléctrico, e o olham, enquanto a câmara avança sobre os mesmos carris, num movimento que é também ele cinematográfico.

Maria João Madeira